

Índices de Polifonia em Textos Jornalísticos da Carta Capital

Thiago Matos Prates CHAS¹
Fabiana PELINSON²

Resumo

Neste artigo discutimos, à luz da teoria polifônica da enunciação, a presença de recursos linguísticos de natureza argumentativa em textos jornalísticos publicados pela revista Carta Capital. Pressupõe-se que emergem destes textos vozes que não são ditas na superfície linguística, isto é, sua evidência acontece de maneira subjacente ao enunciado. Dessa forma, este artigo tem como princípio identificar de que forma o meio de comunicação em questão utiliza alguns mecanismos de textualização para informar seu público e provocar reações em seus leitores. Para tal propósito, levou-se em consideração as contribuições teóricas de autores como Koch (2006), Ducrot (1987) e Bakhtin (1986).

Palavras-chave: Polifonia. Índices de Polifonia. Jornalismo. Carta Capital.

Introdução

A comunicação por meio da língua(gem) oral, escrita ou gestual pressupõe a existência de fins a serem atingidos e/ou efeitos de significação. A partir disso Koch (2006) afirma que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo e intencional. Ou seja, orientamos os enunciados produzidos no sentido de determinadas conclusões, procurando dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa.

Todo enunciado tem um objetivo ou uma finalidade. Por vezes, estes não são manifestados de forma explícita, mas implicitamente, fazendo com que o emissor use de

¹ Graduado em Comunicação Social Habilitação em Publicidade, Propaganda e Marketing pela UNINTER. E-mail: thiagochas@globo.com

² Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro do Grupo de Pesquisa Mídia, linguagem e educação. E-mail: fabianapelinson@gmail.com

diversos recursos linguísticos para que o receptor reconheça e entenda o propósito do enunciado.

Para Austin (apud FIORIN, 2006), a linguagem tem a função de agir, de realizar atos por meio da fala. Já para Grice (apud FIORIN, 2006), a linguagem natural comunica mais do que aquilo que um enunciado significa, pois quando se fala, comunicam-se também conteúdos implícitos, que são compreendidos de acordo com o contexto em que se dá a enunciação. Os meios de comunicação, por exemplo, enunciam mais daquilo que está presente em primeiro plano, há, portanto, outros sentidos que emergem do mesmo enunciado.

Dessa forma, este artigo busca identificar e desvendar conceitos outros que estão no cenário do que não é dito. Ou seja, procura-se demonstrar a presença de recursos expressivos de natureza argumentativa em textos publicados pela revista Carta Capital, a fim de entender quais os recursos utilizados e qual a finalidade dos mesmos. Para isso, tomamos como base a teoria polifônica da enunciação.

Estudos voltados para a compreensão da linguagem como uma forma de interação e ação social são de suma importância para que se entenda a língua não só pela sua estrutura, mas pelo seu contexto de uso.

1 Concepções de língua e linguagem

A Sociolinguística Variacionista é uma área da Linguística que estuda a língua em seu real contexto de uso e tem como objeto a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal. A heterogeneidade da língua, segundo essa perspectiva, é consequência natural de fatores linguísticos e sociais que se coadunam nas situações de uso. Isto é, são considerados, além de fatores linguísticos, fatores sociais e culturais que podem exercer papel relevante na produção linguística. Para esta corrente, a língua é considerada uma instituição social, de modo que não deve ser vista como uma estrutura autônoma, que independe do contexto e da situação na qual se realiza (MATOS; SANTOS, 2010).

Dessa forma, a língua representa um conjunto estruturado das nossas vivências. Vivemos interligados pelas palavras, e a língua se faz presente em todas as atividades do cotidiano, constituindo, assim, uma realidade que transformou e ainda transforma a vida do homem. A língua e a sociedade se inter-relacionam de maneira tão incisiva que uma não existe sem a outra. Desse modo, a língua é um fenômeno de natureza social, mas que tem implicações psicológicas, fisiológicas, etc (BAGNO, 2006).

Em constante mudança, a língua deve ser encarada como um objeto vivo, que tem relação com o tempo e o espaço e que depende das pessoas que a falam, como do contexto em que é utilizada. Segundo Bagno (2006, p.117), “a língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição, em permanente transformação”.

A língua estabelece contatos sociais e desempenha o papel de transmitir informações sobre o falante, e enquanto sistema faz parte da evolução da sociedade, influenciando nessas variações. A linguagem não é só um instrumento de transmissão, é também uma forma de ação e interação, conforme sugere Koch (2004). Segundo essa perspectiva, a linguagem é uma atividade interindividual, finalisticamente orientada, ou seja, a linguagem é, necessariamente, uma forma de ação intersubjetiva e intencional.

É, dessa forma, uma atividade que possibilita à sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que reflete o pensamento e o conhecimento dos falantes. Para Gnerre,

as pessoas falam para serem ‘ouvidas’, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos. O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante (GNERRE, 1987, p. 03).

As modernas correntes da Linguística rejeitam essa finalidade da língua, provando que a linguagem é, além de tudo, um poderoso instrumento de controle, de opressão, de ocultação da verdade e por isso mesmo, ocorre o fenômeno do preconceito linguístico. Os linguistas tentam demolir o mito de que a escrita tem o objetivo de difundir ideias, já que apenas uma simples investigação revela que a escrita tem a finalidade oposta, ocultar o saber para alguns poucos, para que estes detenham o poder e dominem os demais.

2 Polifonia

O termo polifonia remete a fenômenos que podem ser classificados em duas famílias: a polifonia semântica, aqueles que dizem respeito à alusão, por um único enunciado, a vários conteúdos; e a polifonia intertextual, os que dizem respeito à presença de várias instâncias enunciantes no interior da enunciação.

As duas concepções de polifonia se distinguem pela maneira como o conteúdo suplementar é evocado e pela posição do locutor em relação a esse conteúdo. De acordo com Carel (2011), quando a polifonia é semântica, a alusão a vários conteúdos é prefigurada na significação da frase enunciada e o locutor toma posição em relação a esses conteúdos. Já quando a polifonia é intertextual, a alusão a vários conteúdos decorre do fato de que o conjunto de palavras faz alusão a um conjunto passado, e o locutor toma somente posição em relação ao conteúdo composicional do conjunto novo (CAREL, 2011).

Dessa forma, entende-se por polifonia “o fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir “vozes” que falam de perspectivas diferentes com as quais o locutor se identifica” (Koch, 2006, p. 63). É um processo de interação não somente entre locutor e interlocutor, mas sim entre diversas pessoas em um único texto.

Na perspectiva bakhtiniana, o texto de um autor é sempre complementado por textos de outros sujeitos, isso quer dizer que o discurso é sempre constituído de relações dialógicas, como um palco de luta de vozes. O autor afirma que essas relações são possíveis em enunciações integrais e até em uma palavra isolada, isto se ouvimos nela a voz do outros, se nele se chocam dialogicamente duas vozes.

Segundo Barros (1999), os textos são dialógicos porque resultam do embate de vozes sociais, e podem produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas são possíveis de se ouvir. Ainda conforme o autor, todas as palavras trazem a perspectiva de outra voz. Em outros termos, o texto marca a intersecção de diversos diálogos, de cruzamento de vozes que se originaram em práticas linguísticas diversificadas (PEDROSA, 2007).

Desse modo, pode-se considerar a polifonia como resultado de efeitos de sentidos que decorrem de procedimentos discursivos. Para Barros (1999), todo texto é composto por outros textos que se interligam entre si.

A incorporação de vozes de outros em um enunciado pode se dar de duas maneiras: aquela em que o discurso do outro é abertamente citado e nitidamente separado; e aquela em que o enunciado é bivocal, ou seja, internamente dialogizado (FIORIN, 2006).

De acordo com Bakhtin, o discurso é constitutivamente polifônico e se caracteriza por um jogo de vozes. O autor considera o dialogismo³ como o princípio constitutivo da linguagem, que é dialógica, num cruzamento constante de discursos. O texto não é visto isoladamente, mas correlacionados com outros textos similares. Essa pluralidade no discurso é o que faz ser polifônico (PEDROSA, 2007).

A presença dos índices de polifonia reforça a idéia de inexistência de um discurso puro. Segundo Maingueneau (2000), o texto visto como a materialização do processo de construção discursivo adquirirá sentido na percepção e confronto dos outros textos que o perpassam. A interpretação de um texto sempre vai depender da relação que se estabelece com outros textos que fazem parte da base da primeira construção textual.

Conforme indicam Platão e Fiorin, (2002, p. 73), “chamamos procedimentos argumentativos a todos os recursos acionados pelo produtor do texto com vistas a levar o leitor a crer naquilo que o texto diz e a fazer aquilo que ele propõe”. Dessa forma, a polifonia manifesta-se nos diversos textos, pois esse recurso contribui para que se alcancem os efeitos que pretendemos causar ou obter do receptor determinadas reações.

Segundo Koch (1997), podem ser encontrados nos textos determinadas formas linguísticas que funcionam como marcadores, como indicativos da presença de outras vozes no discurso. Assim, a relação de índices ou marcadores polifônicos servirá de base para a análise do corpus desta pesquisa.

³ Definido por Bakhtin como o processo de interação entre textos que ocorre na polifonia. O texto não é visto isoladamente, mas correlacionado com outros textos similares.

De acordo com Koch (1997), podemos destacar as seguintes formas linguísticas que atuam como marcadores polifônicos: emprego de verbo no pretérito imperfeito, emprego de verbo na voz passiva, de verbos cujos significados explicitam tratar-se de outro falante, uso de partícula indeterminadora do sujeito, de modalização, de discurso indireto e de nominalização de fatos. Assim, existem índices que caracterizam, no texto, a presença de outra voz, como operadores argumentativos, marcadores de pressuposição, o futuro do pretérito e o uso de aspas.

2.1 Operadores argumentativos

Alguns operadores argumentativos participam do texto como outra voz, informando algo com maior força argumentativa. Operadores pertencentes ao grupo do *mas* e do *embora* introduzem outras vozes com poder argumentativo capaz de dar ao discurso legitimidade. São operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias.

Na mesma linha polifônica, os operadores *no entanto* e *portanto* conduzem o leitor a sentenças tidas como certas e verdadeiras. Segundo Souza (2008, p. 02), “essa estratégia evoca diversas vozes no discurso e favorece a aceitação do mesmo, já que o ouvinte pode se identificar com a ideologia veiculada por meio da enunciação.”

Outros operadores como *ao contrário* e *pelo contrário* também são índices polifônicos. Por exemplo, quando dissemos “Lúcio não é um traidor. *Pelo contrário*, tem-se mostrado um bom genro” faz-se ouvir outra voz que afirma ser Lúcio um traidor e é esta a afirmação implícita que se dirige ao operador *pelo contrário*.

2.2 Marcadores de pressuposição

Com os marcadores de pressuposição o enunciado se desdobra em duas informações, pois contém subentendidos. Segundo Ducrot (1972), o conteúdo pressuposto pelos marcadores não é de responsabilidade somente do autor, é algo partilhado por ele e seu interlocutor e por toda a comunidade a que este pertence. Inúmeras vozes fazem com o que o receptor entenda o enunciado. Conforme Ducrot

(1972, p. 77) “pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou o que se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse”. Assim, as intenções do emissor são expressas de forma indireta.

2.3 O uso das aspas

O uso de aspas é um modo de manter distância do que se diz, colocando o enunciado na boca de outras pessoas. Segundo Souza (2008) ao citar outra voz ocorre um distanciamento da fala do interlocutor, o que funciona como fator de credibilidade e serve também para justificar uma crítica ou um questionamento. Ou seja, o locutor insere outras vozes em seu discurso para fundamentar sua tese e conquistar a adesão de seu ouvinte.

2.4 Uso do futuro do pretérito

O uso do futuro do pretérito é serve para que o locutor não se responsabilize pelo que é dito, atribuindo-a a outro alguém.

O futuro do pretérito é utilizado quando o locutor se isenta do discurso produzido e confere toda a responsabilidade da enunciação e seus possíveis efeitos a outra voz citada em sua locução. O recurso polifônico se caracteriza pelo uso da fala de outro para embasar a pretensão comunicativa do locutor, e uma vez que todo discurso espera adesão por parte de quem o recebe, se a tese for confirmada ou negada em função do desfecho pré-anunciado, a interação almejada terá atingido o seu objetivo (SOUZA, 2008 p.03).

Os recursos linguísticos reveladores da polifonia, na maioria das vezes, são utilizados pelo emissor com o intuito de estabelecer uma proximidade e interagir de uma maneira melhor com seus receptores. Com outras vozes dentro do discurso, o receptor se identifica com a informação consumida e toma um posicionamento favorável ou não àquela informação. Conforme Souza (2008) o discurso alcança, em função das vozes presentes, um poder transformador. E mobilizado pelo discurso, o receptor acredita na informação e pode passá-la adiante com confiabilidade.

3 Procedimentos metodológicos

A pesquisa é de natureza qualitativa de cunho descritivo e interpretativo, pois nosso objetivo não é quantificar, generalizar e padronizar, mas descrever o fenômeno da polifonia, para que possa ser entendido e interpretado. Desta forma, optou-se por realizar um estudo de caso sobre os índices de polifonia em textos jornalísticos publicados no site da revista Carta Capital.

Uma das motivações fundamentais desta investigação é identificar os efeitos dos índices de polifonia na veiculação de informações e exemplificar como os índices polifônicos podem estar inseridos nos enunciados jornalísticos.

A análise dos textos coletados enfocou o campo da polifonia, exemplificando e explicando separadamente o porquê do uso de cada um dos mecanismos textuais dentro da narrativa. A observação e análise foram feitas a partir da Teoria polifônica, além de estudos de Koch (2006) e Koch e Travaglia (1995).

4 Análise e discussão de resultados

Os recursos linguísticos presentes nos enunciados permitem que o leitor entenda os caminhos escolhidos pelo emissor, qual a argumentação utilizada e como texto e contexto se relacionam. A seguir, constam as matérias publicadas e as análises feitas.

a) *Cancelamento de contrato é ‘vergonhoso’, diz chefe da Força Aérea americana*⁴

Na matéria publicada no dia 01/março nota-se a presença dos usos das aspas, marcadores de pressuposição e operadores argumentativos.

O uso das aspas está presente nos seguintes enunciados:

O chefe da Força Aérea americana disse nesta quarta-feira 29 que o cancelamento do contrato para a compra dos aviões Super Tucano da Embraer para o Afeganistão é “vergonhoso” e prometeu rever rapidamente a licitação.

⁴ Matéria publicada no site da revista Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/economia/cancelamento-de-contrato-e-vergonhoso-diz-chefe-da-forca-aerea-americana/> Acesso em: 02 março de 2012.

“Não há como ficar satisfeito com isso”, disse (...)

Ele disse que a Força Aérea relançaria “rapidamente” a disputa (...) “Trabalharemos com rapidez”, completou.

Schwartz disse que será “uma profunda decepção” se os fatos mostrarem que a Força Aérea estragou o contrato.

“Uma das coisas com as quais estou mais triste – sem mencionar a vergonha que esse fato traz para nós como Força Aérea – é o fato de que estamos deixando nossos parceiros na mão aqui”, disse.

“Posso garantir que se isso não foi um erro inocente, haverá punições”, completou. Ele disse que a Força Aérea trabalhará duro para resolver o problema.

Percebe-se que o uso das aspas foi bastante frequente na presente matéria. As aspas, nos casos exemplificados, têm como função responsabilizar o outro pelas consequências do enunciado. Devido a uma determinada situação, o locutor prefere se posicionar com prudência, colocando o enunciado na “boca” de outros. Como o fato noticiado detém certa polêmica, o locutor minimiza a sua responsabilidade.

Já o marcador de pressuposição está presente no seguinte trecho:

A decisão representou um revés para a Força Aérea, que tenta mudar suas práticas de compra de armamentos depois que uma licitação para um novο tanque de abastecimento de voo foi marcada por escândalos e controvérsias.

Essa conclusão pressupõe que o sujeito da frase já teve outro tanque de abastecimento de voo. A pressuposição engloba duas afirmações partilhadas entre locutor e interlocutor. Esse recurso é utilizado para que o receptor ative seu conhecimento linguístico e compreenda o discurso.

Segundo Ducrot (1977), os marcadores de pressuposição são elementos linguísticos que introduzem conteúdos pressupostos, ou seja, informações que se encontram implícitas no enunciado.

Na matéria em questão, encontrou-se também um operador argumentativo:

(...) a compra dos 20 aviões AT-29 Super Tucano da Embraer foi fechado em dezembro como parte dos planos para armar o exército afegão após a saída da Otan daquele

país. Mas a Força Aérea americana informou que não estava “satisfeita” com a documentação apresentada na decisão.

O operador argumentativo *mas* contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias. O locutor introduz em seu discurso um argumento possível para uma conclusão e, logo em seguida, opõe-lhe um argumento decisivo para a conclusão contrária.

No exemplo acima, o autor afirma que o contrato para compra dos aviões foi fechado, e logo depois expõe uma conclusão contrária, afirmando que a Força Aérea não aceitou a documentação apresentada. O operador *mas* emprega a “estratégia do suspense”, faz com que venha à mente do interlocutor a primeira conclusão, para depois introduzir o argumento que irá levar a uma conclusão contrária.

Os operadores argumentativos mobilizam outros discursos e dessa forma, fazem com que o leitor forme a sua própria opinião. Segundo Fiorin (2006, p. 45) “se um discurso cita outro discurso, ele não é um sistema fechado em si mesmo, mas é um lugar de trocas enunciativas, em que a história pode inscrever-se, uma vez que é um espaço conflitual e heterogêneo ou um espaço de reprodução”.

b) *Vai que é sua, Aécio!*⁵

Na matéria publicada pela Carta Capital, na editoria de Política no dia 22/fevereiro nota-se a presença de operadores argumentativos, o uso das aspas e o uso do futuro do pretérito.

Percebemos o uso das aspas já no título da matéria e também no corpo do texto: *É como se dissesse com um gosto amargo na boca: “Vai que é sua, Aécio!”. Por que terá oferecido o privilégio ao adversário?*

Nesse caso em específico, percebemos como o autor se posiciona “longe” do que é dito. A frase, entre aspas, é uma suposição do que poderia ter sido dito por José Serra, quando anunciou oficialmente que disputará a prefeitura paulistana em 2012,

⁵ Matéria publicada no site da revista Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/vai-que-e-sua-aecio/> Acesso em: 02 março de 2012.

sinalizando sua desistência de voltar à corrida presencial de 2014, “sobrando”, portanto, para Aécio.

O uso de operadores argumentativos também esteve presente na matéria:

Ou seja, abriu mão do papel principal para tentar tornar-se um ator coadjuvante, embora importante, na disputa eleitoral de 2014. Isso, no entanto, se vencer a corrida para a prefeitura de São Paulo.

O operador *embora* opõe argumentos enunciados de perspectivas diferentes, que orientam para conclusões contrárias. Utilizando esse operador o locutor utiliza a estratégia de antecipação, ou seja, anuncia, de antemão, que o argumento introduzido pelo *embora* vai ser anulado. Nesse caso, o fato do candidato abrir mão do papel principal é anulado quando o autor diz que ele ainda é importante na disputa eleitoral. Já o operador argumentativo *no entanto* introduz uma visão contrária. Ou seja, o candidato só será realmente importante se vencer a corrida eleitoral.

O uso do futuro do pretérito também foi encontrado na matéria sobre Aécio:

Motivo: os dois estariam com a cabeça e o coração mais focados em Brasília do que em São Paulo.

O autor do texto opta pelo verbo no futuro do pretérito, pois apresenta uma possibilidade, uma hipótese. Isso permite que ele se afaste da responsabilidade pelo que é dito. O locutor acredita que os candidatos estejam mais focados na Presidência do que no Governo de São Paulo, mas como não pode afirmar isso com certeza, pois não entrevistou estes políticos, e não quer se responsabilizar por esse enunciado, usa o verbo no futuro do pretérito.

c) *Zimbábue: Eleições à vista?*⁶

A matéria publicada na editoria Internacional, apresenta uma explicação sobre alguns problemas políticos ocorridos no Zimbábue. Nela, encontramos operadores argumentativos, aspas e o uso do pretérito do futuro. Vejamos as análises individuais de cada um destes elementos.

⁶ Matéria publicada no site da revista Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/zimbabue-eleicoes-a-vista/> Acesso em: 02 março de 2012.

São três os operadores argumentativos verificados na matéria.

No entanto, antes do referendo o rascunho precisará ser aprovado por dois terços do Parlamento (...)

Existe uma probabilidade muito pequena de que a medida seja aprovada com esse dispositivo, mas Mugabe e sua Frente Patriótica da União Nacional Africana do Zimbábue (...)

Existem portanto vários cenários políticos possíveis. O menos provável é que haja um acordo razoavelmente rápido sobre um esboço constitucional (...)

No primeiro caso o operador *no entanto* introduz uma visão contrário ao que é postulado acima do enunciado analisado. O autor, anteriormente, informa que haverá uma conferência para discussão da Constituição, seguida de apresentação no Parlamento e submetida a um referendo nacional. Depois, com o uso do operador argumentativo, o autor introduz uma visão contrária ao postulado anterior, informando que antes do referendo nacional, a possível Constituição tem de ser aprovada por dois terços do Parlamento.

No segundo caso, o locutor introduz em seu discurso um argumento possível, ou seja, afirma que a medida pode ser aprovada por meio do dispositivo e, logo em seguida, opõe outro argumento para uma conclusão contrária. Nesse caso, o locutor opõe-se afirmando que o atual presidente e sua Frente poderiam usar essa disputa para convocar eleições e por isso utiliza o operador argumentativo *mas*.

O *portanto* representa um operador conclusivo, é como se uma voz ressoasse no discurso. Nesse caso, o locutor concorda com a premissa introduzida anteriormente, argumentando no mesmo sentido.

O uso das aspas esteve presente apenas uma vez no texto analisado.

Esta deverá ser enviada para discussão em uma “conferência de todos os interessados”, antes de ser apresentada ao Parlamento (...)

Como nos outros exemplos apresentados, as aspas são usadas para que o autor não se responsabilize pelo que é dito. Dessa forma, a postura é assumida por outro locutor.

d) *As micro soluções para os macro problemas*⁷

Publicada no espaço Carta Verde, a matéria faz uma análise sobre o problema do transporte nas grandes capitais brasileiras. Operadores argumentativos e marcadores de pressuposição foram utilizados pelo autor.

Foram utilizados, durante três vezes, o operador argumentativo *mas*.

Fácil? É óbvio que não, mas se ao menos nossos planejadores tivessem isso em mente, não tomariam atitudes paliativas (...)

A prefeitura alega que a medida irá desafogar o trânsito local, mas o que estamos acostumados a ver é o rápido esgotamento da medida (...)

Não é a primeira vez que falo sobre isso e, muito provavelmente, não será a última, mas não é possível e minimamente racional imaginar que a melhora no transporte das grandes cidades passe pelo transporte individual.

Nos três casos, o uso do operador *mas*, como explica Koch (2006), cria a “estratégia do suspense”, isto é, faz com que venha à mente do interlocutor a conclusão R, para depois introduzir o argumento que irá levar à conclusão ~R. Ou seja, primeiro o locutor nos diz que a prefeitura garante que a medida vai melhorar o trânsito e logo depois apresenta argumentos que apontam para uma outra conclusão, de que a medida se apresenta ineficaz.

Um marcador de pressuposição também foi utilizado pelo autor, no seguinte trecho:

Enquanto isso, novas e reluzentes montadoras de automóveis vão continuar a se instalar no Brasil e aplaudidas por todos como se representassem a pujança do nosso país.

O *continuar* representa um marcador de pressuposição, quando presente no enunciado introduz conteúdos semânticos adicionais os quais, sem a presença deles, não existiriam. Nesse caso, o verbo indica a permanência de estado. Fica pressuposto, neste caso, que as montadoras de automóveis já se instalavam no Brasil há algum tempo.

⁷ Matéria publicada no site da revista Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-micro-solucoes-para-os-macro-problemas/> Acesso em: 02 março de 2012.

e) *Proteja suas pegadas do Google*⁸

As marcas linguísticas presentes no enunciado permitem que o leitor perceba algumas relações entre o texto e seu contexto. No texto analisado, os operadores argumentativos e o futuro do pretérito estão presentes.

O operador argumentativo *mas* foi encontrado nos seguintes fragmentos:

A nova política de privacidade do Google entra em vigor em todo o mundo em 1º de março, mas já desperta polêmica entre os internautas (...).

Caso isso ocorra, a FTC pode impor multas de mais de 16 mil dólares por dia para cada violação. Mas ainda há tempo para aqueles que quiserem manter seus passos na internet em segredo (...)

O operador argumentativo foi usado, nos dois casos, como uma forma de contrapor argumentos para uma conclusão contrária. Como no primeiro exemplo, primeiramente o locutor nos diz que a política de privacidade entrará em vigor em março e logo em seguida, contrapõe afirmando que apesar do tempo que falta para que a política de privacidade seja efetuada, o assunto já gera polêmica.

Já o uso do futuro do pretérito é verificado no seguinte fragmento:

(...) além de pedirem mais tempo antes de sua aplicação para analisar se a privacidade dos usuários estaria devidamente protegida.

Nesse caso, o verbo usado no futuro do pretérito indica que o locutor não quer ser responsável pelo que é dito. É como se ele não tivesse plena certeza do que diz e por isso coloca a informação sob dúvida, abstendo-se da responsabilidade pelo enunciado.

Considerações finais

Todo texto é polifônico, a polifonia constitui toda e qualquer enunciação, sendo a própria palavra dialógica, pois assume diferentes significados em diferentes contextos e momentos, e em diferentes enunciações. As vozes que emergem dos enunciados nos

⁸ Matéria publicada no site da revista Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/proteja-suas-pegadas-do-google/> Acesso em: 02 março de 2012.

levam a identificar outros sentidos que não aparecem na superfície linguística. Sentidos que dialogam com conhecimentos, valores ideológicos e morais.

Este trabalho objetivou demonstrar como a revista Carta Capital se vale de alguns recursos expressivos de natureza argumentativa para passar ao leitor a responsabilidade de interpretar tais informações. Um aspecto que chamou atenção após a análise é que, na maior parte dos textos analisados, detectamos mais de um índice de polifonia presente no mesmo texto, ou na mesma enunciação. Assim, por exemplo, foi possível detectar o uso do futuro do pretérito e de operadores argumentativos em um mesmo enunciado. As conclusões indicam que os recursos são usados com frequência pelos jornalistas da revista, isto é, o recurso expressivo é recorrente nestes textos jornalísticos.

Assim, a leitura analítica dos textos permitiu interpretar a função dos recursos linguísticos e demonstrar como estes elementos podem estar inseridos dentro dos enunciados. Em alguns casos, o recurso foi utilizado como uma maneira do locutor se abster da responsabilidade do que é dito, em outras o locutor contrapõe argumentos.

Embora a pesquisa não possua caráter definitivo, mas de uma contribuição que possa servir de convite a outras investigações científicas, acredita-se que este trabalho constitui uma base consistente para a elaboração de estudos mais avançados sobre o tema.

Referências

- BAGNO, M. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 47. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo, Hucitec, 1986.
- BARROS, D. L. B. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade.** São Paulo: Edusp, 1999.
- CAREL, M. **A polifonia linguística.** Porto Alegre: Letras de hoje, 2011.
- COLARES, V. **Estratégia da retextualização: um estudo de caso da TD nº 0201 (F02A(100 – 242).** Revista Interlocuções, 2001.
- DUCROT, O. **Princípios de semântica lingüística.** São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto**. São Paulo, Ática, 2002.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo, Ática, 2006.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KOCH, I.; BENTES, A; CAVALCANTE, M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, I; TRAVAGLIA, L. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1995.

KOCH, I. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

MATOS, P. T.; SANTOS, R.T. **Implicações de uma análise lingüística variacionista a partir de uma perspectiva discursivo-pragmática: um estudo inicial sobre o futuro do português brasileiro**. Rio de Janeiro: Revista Gatilho, 2010.

PEDROSA, C. E. F. **Dialogismo, aspecto constitutivo do discurso uma releitura de Bakhtin a partir de autores nacionais**. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, v. 10, n. 04, ago. 2007.

SANTOS, J. **Jornalismo institucional: recursos argumentativos e implícitos textuais presentes no discurso jornalístico**. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 03, nº 02, 2011.

SOUZA, A. A. **Análise dos índices de polifonia no gênero editorial**. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal4/comunicacoesPDF/28_polifoniaSOUZA.pdf. Acesso em: 10 de mar. 2012.